

18-05-2021

Onde mora o desejo de matar

Fabrizio Fävasch Rodriguez

[Ativista Social e Sindical. Observatório do trabalho latino-americano]

Mais uma vez adiando minha viagem ao Brasil, em virtude da Pandemia, cheio de sentimentos puros como a saudade de rever os amigos, estou aqui confinado em Bogotá assistindo trágicos e covardes assassinatos, tanto aqui na Colômbia quanto aí no Brasil. Não bastasse o genocídio por omissão e irresponsabilidade dos governos frente às centenas de milhares de mortes pelo vírus (80 mil aqui e mais de 430 mil no Brasil), estamos às voltas com chacinas promovidas pelos governos, principalmente em Cali e no Rio de Janeiro. Uma diferença significativa é que aqui há uma onda de protestos com a aliança de movimentos sociais, indígenas e estudantes contra o modelo ultraliberal de Ivan Duque. Aí, no Brasil, a chacina governamental é contra as populações faveladas, pobres e negras, preponderantemente. Ao entrar nas comunidades matam alguns escolhidos “para dar exemplo”, sob o pretexto de que esses alguns eram “procurados” por serem “criminosos”. Ou seja, tudo sob o manto “da Lei”. Que Lei? Foram achados não para serem presos, mas para serem assassinados. O recado é claro: a favela que se cuide.

Aliás, esse recado já vem sendo dado desde a primeira favela criada no Brasil. Escravos abolidos sem direitos para serem sempre escravizados. E agora, finalmente a solução: quem não morrer de Covid pode morrer de bala de fuzil.

Essa é uma das faces da necropolítica, palavra que hoje frequenta o vocabulário de todos nós que acompanhamos as políticas de governo de alguns países. No caso da América Latina, são destaques atuais o Brasil e a Colômbia. Para me atualizar fui reler alguns textos sobre esse instinto assassino que, ao que tudo indica, todos temos um pouco.

Ocorre que quando o instinto se transforma em desejo, como quem defende o extermínio de adversários e a tortura, o desejo se torna uma ameaça ao e do próprio Estado quando este é ocupado por esses mesmos elementos. Aí no Brasil esse desejo é mais explícito, aqui, Ivan Duque, até então, disfarçava bem. O instinto de matar é estudado pela psicanálise, antropologia, filosofia, ciência política e pelas neurociências. Como estudioso das causas sindicais, suas lutas, vitórias e fracassos, acabei me interessando sobre a questão da morte no trabalho. Não só a morte como acidente de trabalho, mas a morte como consequência das lutas por melhores condições de trabalho. Ou seja, a morte de trabalhadores na luta política, por tentar evitar a sua própria morte na produção do trabalho e, por consequência, de suas vidas. Essa contradição me persegue desde sempre: para não morrer trabalhando morre-se por lutar para não continuar morrendo.

A história tem inúmeros exemplos... um deles, clássico, é o enforcamento dos que lutaram pela jornada de trabalho de 8 horas em Chicago. Matar: instinto, desejo, pulsão, compulsão...? Psicopatas, sociopatas, matadores de aluguel, serial-killers, feminicidas, entre outros, são o que são por um desejo de matar? Um suicida tem um desejo de matar voltado para si? Se a resposta fosse individualizada não poderíamos falar, por exemplo, em necropolítica.

Tampouco, poderíamos falar no estímulo e, mesmo, na execução do ato de matar por várias religiões, ao longo da história, e que se perpetuam até hoje, inclusive no Brasil e na Colômbia. Já tratei disso aqui na Coluna quando falei da aliança entre fé religiosa e política de extermínio.

A psicologia tende a buscar as causas do “desejo” de matar, a partir da análise baseada na individualidade subjetiva e na dinâmica de equilíbrio entre os impulsos inconscientes. Freud e Lacan com suas versões sobre isso nos ajudam a interpretar que humanos somos todos sujeitos desse perfil individualizado, singular e dependente de um equilíbrio.

E que equilíbrio é esse? A dependência do equilíbrio pode ser individual, mas a produção de cenários de equilíbrio é atravessada por direitos humanos com, entre e para todos.

Ou, para ser mais preciso, da ordem política, econômica e social que rege o processo civilizatório, desde sempre.

Desse modo, a bem-vinda expressão necropolítica, cunhada por Achille Mbembe, não é apenas fruto de uma realidade atual, é uma temporalidade histórica, desde sempre.

Por isso, quando o capitalismo exerce o poder político, econômico e social que mata, nele transborda o desejo de matar. E mais mata. É matando trabalhadores que seu desejo se consuma e ele sobrevive. Mas, é importante assinalar que nas sociedades pré-capitalistas, e nas atuais sociedades “não-capitalistas”, a necropolítica vigora também. Não quer dizer que seja tudo farinha do mesmo saco. Longe disso. Necropolítica há, mas necrocapitalismo, como essência do processo civilizatório, só há, claro, no capitalismo - desejo institucionalizado de matar, sob a lógica do capital. Se o que rege a civilização, tão almejada por vários pensadores ao longo da história, é a presença de um Estado que promova o bem-estar social, a única forma de retirar o desejo de matar do capitalismo é transformá-lo em Estado de bem-estar social. E bem-estar social só é possível existir em democracias sociais ou, se preferirem, em social-democracias, cujo primado da relação Estado-Sociedade seja fundado, alicerçado e fincado nos direitos humanos. Qualquer detrimento dos direitos humanos, seja a discriminação de qualquer ordem; a concentração de renda e desigualdade social; a depredação ambiental; a educação e saúde elitizadas e excludentes; ou a exploração do trabalho, transforma o poder político num arauto da necropolítica. É o caso do capitalismo ultraliberal no atual contexto global das nações. Para esse necrocapitalismo, matar não é apenas um desejo. É sua própria missão.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.